

CIRCO: sobre as práticas anticoloniais na educação universitária*

CIRCUS: On Anticolonial Practices in University Education // CIRCO: sobre prácticas anticoloniales en la educación universitaria

Lucas Nathan Vilela¹

Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes, UNICAMP
l245917@dac.unicamp.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4861-5014>

Grácia Navarro²

Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes, Unicamp.
gnavarro@unicamp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5620-1731>

Marco A C Bortoleto³

Faculdade de Educação Física - UNICAMP
bortoleto@fef.unicamp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4455-6732>

Fecha de recepción: 13 de septiembre de 2024.

Fecha de aceptación: 6 de octubre de 2024



Cómo citar este artículo: Vilela, L. N. Navarro, G. Bortoleto, M (2025) CIRCO: sobre as práticas anticoloniais na educação universitária, *Corpo Grafias Estudios críticos de y desde los cuerpos*, 12(12), pp. 136-149.

DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.22676>

* Artículo de investigación

1 Lucas Nathan é graduando em Artes Cênicas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador CNPq com a iniciação científica: "O circo no Instituto de Artes: ponto de vista de um estudante", orientado pela docente Gracia Navarro. Além disso, é idealizador e gestor do coletivo Circóia, grupo de práticas circenses do Instituto de Artes. Participou da 4ª Conferência Internacional Circus and Its Others, com o trabalho "CIRCO: decolonizando a universidade", em parceria com Marco Bortoleto.

2 Grácia Navarro é docente doutora do Departamento de Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Unicamp, ministra aulas e orienta projetos junto ao Bacharelado em Artes Cênicas e ao Programa de Pós Graduação em Artes da Cena. Foi Diretora do Instituto de Artes da Unicamp. É coordenadora do Grupo Pindorama (CNPq), onde reúne projetos de pesquisa em teatralidades populares brasileiras, com vistas para a criação de discursos cênicos autorais (<https://www.grupopindorama.com>). É membro do Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas da UNICAMP - LabDrama. Atualmente coordena o projeto: Da cultura popular e da dramaturgia brasileira: das ruas, dos becos e das praças como territórios de referência e proposição (FAPESP 2023/14688-6).

3 Marco Bortoleto é Professor doutor da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Escritor, pesquisador e ex-artista circense profissional. Doutorado pela Universidade de Lleida na Espanha. Pós-doutorado pelas Univ. de Lisboa (Portugal), Univ. de Manitoba (Canadá) e Univ. Concórdia (Canadá). Professor visitante nas Univ. A Coruña (Espanha) e Univ. de La Plata (Argentina) e Univ. de la República (Uruguai). Professor de Acrobacia na Escola de Circo Rogélio Rivel (Barcelona - Espanha, 2001-2005). Pesquisador do Centro de Pesquisa do Circo - CRITAC (Escola Nacional de Circo de Montreal – Canadá). Consultor da Rede do Circo do Mundo Brasil (Circo Social). Pesquisa o Circo com especial atenção para as dimensões pedagógicas e de segurança. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS/FEF-Unicamp).

Resumen

El presente artículo discute la presencia del circo en la Universidad Estatal de Campinas (Unicamp-Brasil) y su papel en el proceso de descolonización de los currículos y, por consiguiente, de la formación académica. Destacamos algunos de los impactos y transformaciones generadas a partir de la práctica del circo, con el objetivo de una educación universitaria inclusiva, diversa y que dialogue con la cultura popular brasileña.

Palabras claves

Artes escénicas; cultura popular; resistência; educación superior; universidad.

Abstract

This article is about the presence of the circus at the University of Campinas (Unicamp-Brazil), reflecting on its role in the process of decolonizing curricular and university education. We highlight the impacts and formative transformations resulting from circus practice, in pursuit of an inclusive and diverse undergraduate education connected to Brazilian popular culture.

Key words

Performing arts; popular culture; resistance; high education; university

Resumo

O presente artigo discute a presença do circo na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-Brasil) e o seu papel no processo de descolonização da formação acadêmica-universitária. Destacamos ações realizadas no Instituto de Artes e na Faculdade de Educação Física e alguns impactos e transformações promovidas a partir do acesso aos saberes circenses, visando uma educação superior inclusiva, diversa e que dialogue com a cultura popular brasileira.

Palavras-chave

Artes cênicas; cultura popular; resistência; educação superior; universidade

1. Introdução

Para compreender o circo é necessário olhar para o seu contexto, de modo que a sua emergência moderna requer revisitar a cultura europeia do século XIX e, por conseguinte, na crença do progresso, a emergência do capitalismo, a expansão industrial e o colonialismo (Lievens, 2016). Esses imaginários foram transplantados para os países do sul global, como parte da expansão do capitalismo e ancorados na crença do ideal romântico de liberdade como autenticidade, espontaneidade e singularidade (Lievens, 2016).

Entretanto, é evidente que todos esses imaginários são antropizados ao atravessarem o oceano atlântico e chegarem, em particular, à América Latina, tendo em vista que os agentes desse processo são outros e não se pode considerar a mesma experiência desenvolvida na Europa, ou desejar que ela seja reproduzida literalmente noutro contexto histórico e cultural. Nesse sentido, segundo Ermínia Silva (2016, p. 08), “a produção artística circense brasileira do início do século XIX até hoje perfaz movimentos de constantes diálogos, contágios e antropofagias por tudo o que já decorreu”, constituindo, como em outros países da região, características próprias, particularidade ou, se preferirem, singularidades.

Ao evocar a "antropofagia", como conceito descritivo para a dinâmica de constituição de uma perspectiva de brasilidade para a prática das técnicas e estéticas circenses brasileiras, Ermínia Silva (2016), ecoa o legado da Semana de Arte Moderna de 1922⁴, movimento artístico

e cultural, que teve por objetivo rever o posicionamento do Brasil contra o conservadorismo e o eurocentrismo que marcava a produção artística e cultural do país. Conceito fundamental para entender a relação entre a apropriação das referências colonizadoras do país, em direção a traços que qualificam a arte brasileira em sua originalidade. Apoiado historicamente no ritual indígena da etnia brasileira Tupinambá, o qual faz da devoração coletiva do inimigo, alimento físico e conceitual para as gerações futuras, o escritor Oswald de Andrade⁵, um dos principais idealizadores da Semana de 22, vai refundar o termo "antropofagia" tomando como diretriz a inversão do fluxo de formação passiva da nação no qual prevalecia o sentido "de fora para dentro", conforme reflete o professor Frederico Coelho (2022, sem paginação): "Nós sempre tivemos que lidar com a história de um país e um povo formado a partir do elemento externo em choque e associação com o elemento interno: somos matrizes europeias, africanas e indígenas ligadas pelo oceano Atlântico, pela escravidão e pela circularidade permanente de culturas e de uma multiplicidade de corpos e narrativas." A seguir está uma citação do "Manifesto Antropófago", para que fique evidente a qualidade desta estratégia de operação estética, que se faz perceber refletida na consolidação de traços de singularidade das artes circenses brasileiras, conforme enfatizado pela pesquisadora Ermínia Silva (2016):

4 A Semana de Arte Moderna apresenta-se como a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador, predominantes no país desde o século XIX. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna>. Acesso em: 02 de setembro de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7)

5 José Oswald de Sousa Andrade (São Paulo, São Paulo, 1890 – Idem 1954). Romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, jornalista. É considerado um dos principais expoentes da primeira fase do modernismo brasileiro, período que concentra grande parte de sua contribuição inovadora para a literatura brasileira. Oswald de Andrade. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2794/oswald-de-andrade> Acesso em: 02 de setembro de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7Oswald de Andrade | Enciclopédia Itaú Cultural

Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

(Andrade, 1976, p.03)

De fato, as práticas circenses se reinventam a cada dia, como um rizoma que emerge do entrelaçamento de diferentes saberes, do diálogo, da antropofagia, constituindo novos percursos, novas formas de ver e fazer o circo, em cada novo encontro. Essa forma dinâmica que o circo consolidou (Silva, 2016), propicia que os saberes e as práticas circenses estejam em constante transformação e, por vezes, resistam ao pensamento colonial, ainda forte em nossa cultura.

Esses aspectos destacados anteriormente, parecem fazer parte de um amplo processo de decolonialidade, que para autores como Icle e Hass (2019, p. 98), pode ser compreendido como um “processo de luta contra uma matriz colonial e seus preceitos universalizantes, homogeneizadores, hierarquizantes e eurocêntricos”. Essa luta se manifesta, então, na busca por diálogos entre diferentes modos de produção de saberes, criando um fluxo entre a oralidade e as formas sistematizadas, entre o "Griô"⁶ (oral) e o "Doutor" (acadêmico-científico), entre o popular e o erudito, entre a educação informal e a formal, entre outras dualidades presentes. Um diálogo que não visa o antagonismo, mas a complementaridade

e o reconhecimento das diferentes formas que o conhecimento possui.

De modo particular, ao considerar a experiência do circo nas universidades brasileiras, nota-se um aprofundamento da fricção entre saberes hegemônicos e saberes subalternizados. Em comparação a outras linguagens artísticas (teatro, dança, música, por exemplo), o circo teve a sua inserção no contexto acadêmico de forma tardia e, em pleno século XXI, ainda tímida (Bortoleto, 2015). Foram necessárias políticas demarcadoras para que pesquisas nas áreas circenses pudessem ser realizadas e que a exclusão nesse contexto fosse de forma paliativa reparada, ainda que esse processo esteja no seu início (Vaz, 2024).

Ainda assim, em diversas universidades do país é comum a falta de políticas estruturantes para o fomento e a instalação do ensino e da pesquisa do circo. A falta de apoio para projetos nesta área, a ausência de espaços e estrutura adequada para as práticas, a falta de reconhecimento desses saberes para com o pensamento acadêmico, criam, conjuntamente, uma enorme barreira em grande parte das instituições de ensino superior. Lamentavelmente, essa história de discriminação e marginalidade se repete ao longo do tempo, “de um tempo que se curva para frente e para trás, simultaneamente, sempre em processo de prospecção e retrospectiva, de rememoração e de devir simultâneos” (Martins, 2023, p.23). Não obstante, há resistência, como destacam Lopes e Silva (2023), Bortoleto (2023) entre outros autores/as, na recente obra coordenada pela estudiosa argentina Julieta Infantino (2023).

Para aprofundar esse debate, discutimos nesse artigo a experiência da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição pública, gratuita e de grande destaque no Brasil, salientando relação com o ensino, pesquisa e a prática do circo nas últimas décadas. Nesse mapeamen-

⁶ Termo que se refere à ampla e complexa tradição oral africana, que forma parte da matriz cultural e identitária brasileira: <http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-griou/>

to, ademais de historicizar as ações que aconteceram e que estão em acontecimento, busca-se discutir o urgente processo de inserção dos saberes circenses na educação superior, seus impactos e transformações formativas a partir da inclusão de saberes marginalizados pelos sistemas educacionais dominantes. Tratamos, portanto, de mostrar que há resistência e que essa atividade tem gerado mudanças significativas, ainda que insuficientes.

2. A presença do circo na UNICAMP no passado recente

De modo particular, olhando para a presença das atividades circenses na Unicamp é necessário compreender que a sua presença combina ações no âmbito da extensão universitária, do ensino e da pesquisa. É preciso também entender que a intensa militância política, pesquisas e ações que aconteceram de forma ampliada no Brasil, e também em outros países latino-americanos, revelam que o circo vem ganhando espaço no contexto da universidade, ampliando as publicações nas diversas áreas do conhecimento, e, assim, modificando lentamente a percepção da academia em relação ao circo e os/as circenses (Rocha, 2010).

Tomando como ponto de partida para a análise, assim como em experiências de outras universidades, uma importante via de acesso à prática das atividades circenses se dá por meio dos cursos de Artes Cênicas e Educação Física. Esses cursos historicamente foram responsáveis por abarcar o ensino desses saberes em contexto acadêmico, tornando-se importante a análise dessas atividades para a compreensão dos impactos da presença do circo na universidade.

No âmbito do ensino, o oferecimento de disciplinas com ementas dedicadas aos saberes do circo, são presentes

no projeto pedagógico dos cursos de Artes Cênicas e Educação Física, as quais constam nos respectivos catálogos com as seguintes ementas:

Artes Cênicas: AC214 - Linguagens Circenses Conhecer as linguagens circenses de maneira ampla, em especial as brasileiras, incluindo não somente as práticas acrobáticas, de equilíbrio e de palhaço, como também o circo-teatro e o melodrama circenses nacionais. (Disponível em: DAC- AC214- Linguagens Circenses- 2S/2024)

Educação Física: EF962- Atividades Circenses e Educação Física Estudo e aplicação das atividades circenses nos diferentes âmbitos (educativo, recreativo, social, artístico) e suas implicações pedagógicas, especialmente no campo da Educação Física Escolar. (Disponível em: DAC- EF962- Atividades Circenses e Educação Física- 2S/2024)

Pelo exposto podemos considerar que as disciplinas trazem conteúdos e aplicações diversas e complementares para o estudo e a prática das artes circenses na Unicamp, evidenciando um comprometimento com os saberes do circo assim como promovendo debates relevantes, provocando diferentes reflexões na comunidade acadêmica (Bortoleto, Mallet e Tucunduva, 2016).

É somada à presença dos saberes do circo na universidade, no âmbito da graduação conforme considerada no parágrafo anterior, a formação de núcleos e grupos de estudos dedicados à pesquisa e à extensão universitária, os quais fazem importante papel de produtores de conhecimento, difusores e fomentadores de reflexões, técnicas e estéticas das artes circenses. Nesse sentido, o Espacirco⁷ foi um núcleo criado ainda em 1996 pelo Prof. Luiz Monteiro Júnior, que o coordenou durante todo seu

⁷ O Circo no Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COQJ3itHcQ6/> Acesso em 05/7/2024.

período de atividades, concluído ao final de 2015, ano de início do processo de aposentadoria do professor. O Espacirco constitui-se como um importante espaço para o ensino e prática no Departamento de Artes Cênicas, que de forma pioneira oferecia formação fomentando a prática e a formação de grupos, assim como ações extensionistas nacionais e internacionais, como por exemplo a apresentação da peça "Versus Uno" e a oficina ministrada pelo Prof. Luiz Monteiro, no VI Festival Internacional de Teatro Universitário em Santiago de Compostela - Espanha. 2000, ação desdobrada da parceria entre o Grupo Carranca e o Espacirco, onde ficou sediado entre 1997 e 2000.

No panorama das pesquisas, a organização de grupos e núcleos de pesquisa são responsáveis por ampliar o panorama de investigações, pesquisas e dissertações tendo o circo como objeto de seus estudos. Um panorama dessa universidade é a partir da mobilização de grupos de pesquisa, como o grupo CIRCUS (FEF) em 2006 (Bortoleto, Mallet e Tucunduva, 2016) e o LUME Teatro- Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp (Cerasoli Júnior, 2011), que combinam distintas atividades artísticas e formativas que, de algum modo, fomentam pesquisas e publicações especialmente no campo da palhaçaria (Silman, 2011). Em paralelo a esses avanços, acompanhamos uma série de movimentações no âmbito da extensão universitária e no diálogo com a comunidade, a partir de ações formais ou informais no ensino do circo. Na Unicamp acompanhamos movimentações como o I Ciclo de Estudos Sobre o Circo: Circo-Teatro no Brasil e o II Ciclo de Estudos Sobre o Circo: Palhaços de Picadeiro, coordenado pelo Prof. Luiz Monteiro e realizados no Departamento de Artes Cênicas da Unicamp, em 2008 e 2009 respectivamente.

O envolvimento da comunidade interna e externa foi ampliado com ações como o Encontro de Malabares realiza-

do no Teatro de Arena semanalmente entre 2017-2020 (Montanini, Ribeiro e Bortoleto, 2020), bem como com o coletivo Circóia, coletivo de práticas circenses gerido por estudantes da graduação, que colaboram para o maior acesso aos saberes circenses.

Essas ações, em conjunto, vêm abrindo espaço para novas possibilidades formativas, na sua maioria extra-curricularmente, no contexto universitário, envolvendo diversos agentes sociais e desafiando a narrativa que desvaloriza o circo, que o marginaliza. Na Unicamp vemos, assim uma similar conjuntura àquela que destaca Infantino (2023), quando diz: "essa arte continua a ser considerada menor na América do Sul, a ser desvalorizada com um viés pejorativo como arte popular, e em franca desvantagem em relação à valorização que recebem outras artes."

Com o passar do tempo, é possível se deparar com mecanismos institucionais que possibilitam o financiamento de atividades circenses, como o Programa Artista Residente de 2014 que permitiu a vinda do artista e diretor circense Rodrigo Matheus (Cia La Mínima - SP) para a direção de um espetáculo com forte inclinação no circo (Anúnciação, 2014).

Por outro lado, destacam-se iniciativas como o Seminário Internacional de Circo, promovido pelo Circus-FEF, que em 2024 alcança a sua 5ª edição⁸, inserindo a Unicamp no contexto de parcerias internacionais, como com o Canadá. Destaca-se também o Encontro de Circo no Instituto de Artes, que chega à sua 2ª edição em 2024, sendo este um evento organizado pelos estudantes da graduação por meio do Coletivo Circóia.

8 5º Seminário Internacional Circo | FEF. (2020). Faculdade de Educação Física - Unicamp. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/noticias/2024/05/5deg-seminario-internacional-de-circo#:~:text=Vem%20a%C3%AD%20o%205%C2%B0>

Estas práticas de resistência estão intrinsecamente ligadas à disputa de espaços e a busca pela institucionalização do circo na Unicamp. Mesmo que de forma lenta e ainda tímida, vemos diversos projetos surgindo e que começam a modificar a presença do circo no contexto da universidade. Destaca-se, inclusive que, a “Unicamp aparece com muitas pesquisas sobre circo na área de Educação Física, que abriga o mais significativo grupo de estudos sobre circo no Brasil, Circus” (Marambio, 2022, p. 122). Soma-se a isso, a constante prática do circo no curso de Bacharelado em Artes Cênicas como disciplina, tema e linguagem de espetáculos cênicos, como por exemplo “Circo Brasil” (2024), apresentado na Mostra Cênica de Inverno da Unicamp⁹. Desta forma é possível afirmar que a presença do circo se manifesta de forma plural, através de diversas vias de entrada no contexto universitário, reforçando o quanto essa história é marcada por cruzamentos, por diálogos e por antropofagias que reforçam o caráter transdisciplinar do circo (Silva, 2016).

3. Unicamp e o circo no presente: paradoxos que incomodam

Um dos principais paradoxos dessa relação entre o circo e a Unicamp é o reconhecimento das várias formas de conceber uma pesquisa em circo. O artista circense é, frequentemente, pesquisador e o circo pode constituir-se num espaço de pesquisa, revelando metodologias e processos de ensino-aprendizagem peculiares. Nesse sentido, pesquisar o circo é também reconhecer que sua pesquisa se dá através de outras formas e de outros saberes.

Essa tecnologia de transmissão e troca de conhecimentos, pautada na transmissão oral por um longo período, foi se

adaptando às condições da sua época, conformando outros modos de formação artístico-pedagógico e de construção artística. Ainda que existam importantes transformações, os saberes populares e ancestrais ainda são muito relevantes para o pensamento e a arte do circo.

Ademais, nesse contexto hodierno da Unicamp, acompanhamos a presença do circo em diversos institutos e faculdades, com histórias de continuidade e de rupturas. Na Faculdade de Ciências Médicas, por exemplo, com diferentes cursos de extensão e o projeto *Hospitalhaços*, importante projeto que durante muitos anos desenvolveu atividades entre a palhaçaria e a saúde pública no HU (Hospital Universitário) e em hospitais da região. Infelizmente, em setembro de 2021, após assembleia da ONG, ficou decidido a dissolução da Associação pela falta de subsídios e os reflexos da Pandemia (G1, 2022).

Com isso, um projeto que oferecia atividades regulares nos espaços do hospital, como a Brinquedoteca e o Bazar do hospital, tiveram suas atividades suspensas. Projetos como esse, que exploram a potência humanizadora do palhaço nas relações interpessoais dentro do hospital, são fundamentais para a transdisciplinariedade do circo e de seus contextos (Wuo e Brum, 2021), bem como para revisar os conceitos de formação superior, na Medicina ou em qualquer outra área, desenvolvidos pela universidade, como melhor discute (Schweller, 2014).

Outra faculdade que desenvolve um importante trabalho na UNICAMP é a Faculdade de Educação Física (FEF). No âmbito da extensão universitária, a FEF oferece desde 2006 projeto de extensão “Circo” que inclui, entre outras turmas, o “circo para crianças (7 a 12 anos)”, levando os fundamentos dos malabares, equilíbrios sobre objetos e de objetos, aéreos e acrobacias para a comunidade. Diversas outras turmas deste projeto alcançam ainda dezenas de pessoas adultas semestralmente, aproximando o

⁹ Ficha técnica e programação da Mostra de Inverno, disponível em MOSTRA CÊNICA DE INVERNO 2024 Instituto de Artes - Unicamp Acesso em 05/7/2024.



Imagem 1: LABFEF, maio de 2023- Pirâmide com participantes do projeto de circo.
Foto: Gilson Rodrigues.

ensino do Tecido, Lira e Trapézio e outras modalidades circenses para qualquer pessoa interessada.

Esses projetos são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao circo assim como para a formação pedagógica de dezenas de estudantes de diferentes faculdades da UNICAMP, contribuindo para a sensibilização da comunidade interna e externa e para a promoção do circo como um saber presente no contexto universitário.

Ainda na FEF, a já mencionada disciplina de graduação "EF962 - Atividades Circenses e Educação Física" revela-se como uma importante possibilidade curricular, acessada por estudantes de diferentes áreas, e que vem consolidando os saberes do circo como parte da formação de profissionais que desejam atuar no âmbito educacional ou artístico desde 2006.

Por fim, foi também na FEF que a atuação do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS) se consolidou, como um dos principais coletivos de pesquisa do circo no Brasil, estudando regularmente a sua pedagogia, segurança, saúde dos artistas, história e outros aspectos relevantes da prática do circo. Com dezenas de publicações (livros, artigos, material didático), o grupo estabeleceu uma forte rede de colaborações com universidades, escolas de circo e grupos artísticos no Brasil e no estrangeiro, permitindo um fluxo constante de especialistas e fazedores circenses na UNICAMP. Em quase duas décadas foram organizados inúmeros cursos e eventos, incluindo o Seminário Internacional de Circo, reforçando recorrentemente a importância do circo e a necessidade de um olhar mais cuidadoso no contexto da universidade.



Imagem 2: Paviartes- Instituto de Arte (UNICAMP), 2023. Foto: acervo dos pesquisadores

Em paralelo, a história das artes circenses no Departamento de Artes Cênicas da Unicamp é marcada por uma trajetória de avanços e retrocessos, se mantendo viva em meio a instabilidade de contratação de professores e técnicos. Somada à sucessivos projetos inadequados de reforma do espaço físico, ao qual é submetido o Departamento de Artes Cênicas posto que, as artes circenses compõem o projeto pedagógico do Bacharelado em Artes Cênicas desde sua criação, ainda na década de oitenta.

Em 2019, foi anunciada mais uma reforma do “Barracão”, o PAVIARTES, equipamento físico que abriga os bacharelados em Artes Cênicas e Dança, licenciatura em Dança, assim como o programa de pós-graduação em Artes da Cena. No PAVIARTES são ministradas as disciplinas dos

cursos e, transformado em salas de espetáculo, abriga, também, as mostras de peças e ações artísticas semestrais, as quais são abertas ao público interno e externo da universidade. Este prédio, que desde a sua criação é provisório, está esperando a maior reforma estrutural projetada desde 1986, ano de sua fundação, a qual tinha previsão de conclusão em 2022 quando, então, as atividades dos cursos estariam novamente reunidas, no mesmo espaço: o PAVIARTES. Contudo o prazo não se cumpriu e em 2022, com o retorno parcial e progressivo às atividades presenciais na Unicamp, após o longo período de isolamento social provocado pela pandemia Covid-19, menos de 3% da obra havia sido concluída. Agora ao final do primeiro semestre de 2024, a obra ainda não se iniciou e os cursos e todas as atividades decorrentes deles,



Imagem 3: Oficina de Práticas Coletivas em Circo. Fonte: Cordialmente cedida pelo Coletivo Circóia. 18/09/2022

seguem resistindo espalhados por não lugares descontínuos da universidade.

Destaca-se desse período de retorno às aulas presenciais, a percepção da ausência de atividades das artes circenses, para além das disciplinas ministradas como disciplina obrigatória do projeto pedagógico do bacharelado em Artes Cênicas, em formato emergencial com conteúdo programático ministrado pela reunião de professores palestrantes, convidados e estagiários, em um esforço hercúleo do corpo docente, para garantir a manutenção do circo como parte efetiva do conjunto das disciplinas de formação do artista da cena, enquanto é aguardada a contratação do novo professor, professora, desde a aposentadoria do Prof. Luiz Rodrigues Monteiro alguns anos antes da pandemia COVID-19.

4. Um coletivo, uma resistência: Circóia

Essa iniciativa teve início em março de 2022, quando um recém ingressado estudante de graduação, autor principal deste artigo, se depara com a precarização do circo no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Ainda que houvesse inúmeros esforços pelos docentes para manter essa arte viva no currículo, havia uma lacuna estrutural marcada pela falta de contratação de um docente responsável pela disciplina no curso. Nesse sentido, o coletivo nasce de uma condição de precarização das artes nas universidades públicas do Brasil, em que um curso de graduação se encontra sabotado pela própria instituição.

Paulatinamente, o Circóia tornou-se um símbolo de resistência e da luta estudantil para a inclusão das artes



Imagem 4- Práticas circenses no que restou das salas do departamento de artes cênicas-Unicamp. Fonte: Acervo do Circóia, 06/04/2024

circenses na formação universitária. Nesse sentido, o aspecto mais importante de ressaltar dessa experiência é a presença da mobilização de estudantes, de diversas áreas do conhecimento, reivindicando os saberes circenses como necessários para as suas respectivas formações acadêmicas. O coletivo, portanto, assume um importante papel de garantia de direitos à prática de atividades de socialização, inclusivas e gratuitas no contexto universitário, além de defender o estudo do circo num curso de artes cênicas.

Para viabilizar a existência de um coletivo autogerido por estudantes, adotamos uma metodologia colaborativa, que é característica fundamental das artes circenses desde sua constituição histórica (Silva, 2011). Assim, todos os participantes atuam de maneira ativa e conjunta para que as práticas aconteçam. Encontramos na nossa

resistência, a alegria necessária, por meio de uma pedagogia do encontro, em que a partilha de saberes e a organização feita primordialmente por estudantes tem sido muito positiva.

Levando em consideração a universidade como um espaço social que acolhe diversos estudantes e que, muitas vezes, não promove atividades de socialização, inclusão e de caráter recreativo, o encontro se torna um aspecto fundamental de resistência. O pensamento colonial ataca diretamente essas práticas que promovem o sentimento de pertencimento e de socialização. Segundo Icle e Hass (2019), esse gesto decolonial¹⁰ propõe-se a

¹⁰ Segundo Icle e Hass (pág 98, 2019), o gesto decolonial “é um movimento do corpo que carrega um sentimento e/ou uma intenção decolonial; um movimento que aponta para algo já constituído como um gesto colonial, contrapondo-se a ele”.

criar “espaços-rachaduras que propiciam novas formas de relacionar-se consigo e com os outros, que não se baseiam no individualismo e no pensamento hegemônico” (p. 113, 2019). Reivindicar essas rachaduras é, antes de tudo, combater o silenciamento de manifestações populares, como a capoeira, o carnaval, as danças brasileiras, a cultura afro diaspórica e, mais especificamente, o CIRCO.

O Circóia desde sua criação em 2022, desenvolve de forma continuada, na Unicamp, uma série de encontros para a prática de manipulação de objetos, palhaçarias, equilíbrios e acrobacias de solos e coletivas, reunindo um público de múltiplas procedências, estudantes de outros cursos da universidade e pessoas sem vínculo formal com a universidade. Adita-se a essa ação formativa continuada, ações em festival e comunidade externa, como por exemplo o Festival de Artes do Instituto de Artes (FEIA 2023) e a Comunidade Menino Chorão¹¹. O Circóia desenvolveu dramaturgia de cortejo cênico, criando uma linguagem de ação artística para o coletivo, que reúne apresentações de esquetes de palhaçaria e números circenses em um deslocamento festivo nas trajetórias que faz nas ruas. O cortejo do Circóia aconteceu também no evento institucional: Universidade de Portas Abertas (UPA 2022 e 2023). Calourada do Instituto de Artes 2023 e 2024, VII e VIII Encontro de Teatro Universitário (ETU) e na Feira da Agricultura Familiar (FAF-Unicamp). Além das atividades descritas, o coletivo mantém diálogo com profissionais do Circo, trazendo convidados externos para ministrar oficinas.

O coletivo Circóia passa a ocupar um lugar importante no cotidiano do Departamento de Artes Cênicas, pela resistência criativa e propositiva de manutenção das artes circenses na universidade, assim como uma iniciativa es-

tudentil implicado com a manutenção de epistemologias da cultura popular no projeto pedagógico de formação em artes da presença, contribuindo para uma universidade pública, gratuita e de qualidade comprometida com as teatralidades populares brasileiras.

Sabemos que o processo de descolonização requer tempo, esforços coletivos e certamente será mais forte com suporte de múltiplas ações, de ensino, extensão e pesquisa, incluindo aquelas que abracem a cultura popular. Não temos dúvidas que, na cultura popular, incluindo o circo, existem tecnologias de substancial importância para os nossos tempos e suas crises individuais e sociais. Entendemos que o circo pode ser, com o devido tratamento, um saber contra hegemônico e que por isso é preciso fortalecê-lo bem como seguir reivindicando maior reconhecimento dele pela universidade.

5. Notas que ajudam a manter as esperanças

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; [...] Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.” (Freire, 1992, apud Cabral, 2015, s.p.). Esperançar é, portanto, uma ação de fomentar coletivamente o movimento, a transformação e uma formação contextualizada. Ainda que o pensamento dominante a respeito do que é ciência não reconheça as práticas circenses como necessárias para a formação universitária, inibindo-o da formação oferecida na UNICAMP e, certamente, em outras muitas universidades como destaca Bortoletto (2023), temos vistos inúmeros exemplos de que essa relação é transformadora e em franco crescimento. Estamos a presenciar uma transformação estrutural na forma de realizar e compreender a ciência produzida na universidade, desafiando e subvertendo as lógicas e paradigmas estabeleci-

¹¹ Comunidade feminista Menino Chorão. Alimentar e Garantir moradia às Mulheres Pretas e Nordestinas. histórico disponível em: Comu. Feminista Menino Chorão (@comunidadefeminista) • Instagram photos and videos Acesso em 05/7/2024.

dos. O circo pode, ainda que sutilmente, estar contribuindo para esse processo.

Da mesma forma, dois encontros virtuais promovidos recentemente pelo Centro de Memória do Circo (CMC)¹², importante instituição brasileira de preservação da memória do circo, destacam a urgência de um maior reconhecimento do circo pelas universidades brasileiras, e, conseqüentemente, dos/as pesquisadores/as, coletivos e atividade que estão em curso há décadas e que ainda são subestimadas ou até mesmo ignoradas (CMC, 2024).

Dito isso, insistimos que a desconstrução dos pensamentos e mecanismos hegemônicos é lenta e complexa, exigindo esforços regulares e prolongados. Reconhecer e legitimar os saberes circenses na universidade requer paciência ao mesmo tempo que parece abrir caminho para novos horizontes formativos, novas contribuições, reconhecendo as particularidades da produção cultural brasileira ao mesmo tempo que as conecta com a outros contextos. Parece-nos, que o trato do circo, como temos notado na UNICAMP, pode, inclusive, contribuir para o fomento das práticas decoloniais, ainda que o próprio circo tenha sido espaço e mecanismo de colonialidade.

Referências

Andrade, Oswald de (1976). “O manifesto antropófago”. In: Teles, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. (3ª ed.). Petrópolis: Vozes; Brasília: INL. Disponível em: «<https://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>» Acesso: 02/09/2024.

Anunção, S. (2024). *Rodrigo Matheus é o novo artista residente da Unicamp*. Disponível em: «<https://unicamp.br/unicamp/ju/593/rodrigo-matheus-e-o-novo-artista-residente-da-unicamp>». Acesso em: 1 jul. 2024.

Bortoleto, M. A. C (2015). “The circus on the periphery of the brazilian university”. In: SESC- São Paulo. (Org.). *Circos- Festival Internacional Sesc de Circo*. 1a. fed. São Paulo: SESC, v. 1, p. 24-31.

Bortoleto, M.A.C (2023). “Não somos fantasmas que circulam invisíveis nas universidades brasileiras: somos pesquisadores de circo”. In Infantino, Julieta. *A arte do circo na América do Sul*. Edições SESC, pp. 226-242.

Bortoleto, M. A. C.; Mallet, R. D., Tucunduva, B. B. P (2016). Atividades circenses na FEF-UNICAMP: a construção de uma nova área de estudos e pesquisa. In: Bortoleto, M. A. C., Ontañón, T. B., Silva, E. (Org.). *Circo: horizontes educativos*. 1ed. Campinas - SP: Autores Associados, v. 1, pp. 225-257.

Cabral, G. (2015). A esperança audaz: a pedagogia de Paulo Freire. Disponível em: «<https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/353/a-esperanca-audaz-a-pedagogia-de-paulo-freire>» Acesso em: 02/07/2024.

Coelho, F. (2022). Antropofagia ontem e hoje. Como uma ideia modernista revolucionou o pensamento brasileiro e influenciou diferentes gerações. *Cienc. Cult.* [online]. 74(2), pp.1-9. ISSN 0009-6725. Disponível em: «<http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20220020>». Acesso: 02/09/2024.

G1 (2022). ONG Hospitalhaços anuncia fim de atividades após 22 anos de atuação. «<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/08/19/ong-hospitalhacos-anuncia-fim-de-atividades-apos-22-anos-de-atuacao.ghtml>»

Icle, G., & Haas, M. (2019). Gesto decolonial como pedagogia: práticas teatrais no Brasil e no Perú. *Urdimento - Revista De Estudos Em Artes Cênicas*, 3(36), pp. 96–115. «<https://doi.org/10.5965/1414573103362019096>»

¹² Fundado em 2006 e vinculado à Secretaria Municipal de Cultura (SMC) da Prefeitura Municipal de São Paulo, é a primeira instituição da América Latina consagrada exclusivamente à memória e à cultura do circo. (<https://memoriadocirco.org.br/sobre/>)

- Lievens, B. (2016). *Second open letter to the circus: The myth called circus*. Disponível em: «<http://e-tcetera.be/thecalled-circus/>» Acesso em: 1 jul. 2024.
- Lopes, D., de Carvalho, Silva, E.,; Bortoleto, M. A.C. (2020). Dentro e fora da lona: continuidades e transformações na transmissão de saberes a partir das escolas de circo. *Repertório, Salvador*, 23(34), pp. 142-163.
- Lopes, D., de Carvalho, Silva, E. (2023). “A contemporaneidade da teatralidade circense: diferenças e re-existências nos modos de se fazer circo”. In Infantino, Julieta. *A arte do circo na América do Sul*. Edições SESC, pp. 26-43.
- Mancilla, C. A. B. (2019). Geopoética dos sentidos, a/r/tografia e o patrimoniável em chave descolonial: por uma poética do Sul. *Revista Poiésis*, 20(34), pp. 87-108. «<https://doi.org/10.22409/poiesis.v20i34.38312>»
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Marambio, R., Moreira, E. (2022). O circo e a memória do circo: narrativas a partir da História da Arte., 185 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,- Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: «<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/63846>»
- Memoriadocirco. (2024). *Centro de Memória do Circo (CMC). O Circo e a Universidade pt. 1 - com Daniele Pimenta, Marco Bortoleto e Eliene Benício*. Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=uchzpy4mB3M&t=2773s>». Acesso em: 6 jul. 2024.
- Moretti, L. B. (2018). *Respeitável público, Brasil e Canadá juntos pelo circo*. Disponível em: «<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/09/10/respeitavel-publico-brasil-e-canada-juntos-pelo-circo>». Acesso em: 6 jul. 2024.
- Rocha, G. (2010). *O circo no Brasil - estado da arte*. BIB, São Paulo, nº 70 (2º semestre de 2010), pp. 51-70. Disponível em: «<https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/download/344/330>». Acesso em 20 de Maio 2023.
- Schweller, M. (2014). *O ensino de empatia no curso de graduação em medicina*. (Tese doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: «<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/313594>». Acesso em: 2 abr. 2017.
- Silman, N. (2011). *Lume Teatro - 25 anos*. Campinas, SP: Editora UNICAMP.
- Silva, E. (2011). “O novo está em outro lugar”. In *Palco Giratório: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas*. Rio de Janeiro; SESC: Departamento Nacional, pp. 12-21.
- Silva, E. (2016). “Aprendizes permanentes: circenses e a construção da produção do conhecimento no processo histórico”. In: Bortoleto, M. A. C., Barragán, T. O., Silva, E. *Circo: horizontes educativos*. São Paulo: Autores Associados, pp. 7-26.
- Thiago, T. I., Bortolini, N.G.S.; Dulci, L. C. (2021). *Escuta de vozes circenses: mapeamentos sociais e saúde*. «Anais ABRACE – XI Congresso da ABRACE-v. 21.»
- Vasconcelos Oliveira, M. C. (2020). Reflexões sobre o circo contemporâneo: subjetividade e o lugar do corpo. *Repertório*, [S. l.], 1(34). DOI: 10.9771/r.v1i34.35556. Disponível em: «<https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/35556>». Acesso em: 30 mar. 2024.
- Vaz, J. (2024). Mesmo sem curso de graduação, produção científica sobre o circo avança no país: Grupos de estudo investigam assuntos como a trajetória de mulheres nos picadeiros do Brasil. *Revista Pesquisa FAPESP*, 3(maio, 2024). Disponível em: «<https://revistapesquisa.fapesp.br/mesmo-sem-curso-de-graduacao-producao-cientifica-sobre-o-circo-avanca-nopai>»
- Wuo, A. E., Brum, D. (2021). *Palhaças na Universidade: pesquisas sobre a palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas em âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais*. (1 ed.). Santa Maria: Editora UFSM.